

LUX

3 FILMES
24 LÍNGUAS
28 PAÍSES

FILM

DAYS

**À PEINE J'OUVRE LES YEUX
(DE OLHOS BEM ABERTOS)**

Leyla Bouzid

França, Tunísia, Bélgica, Emirados Árabes Unidos



**LUX
FILM PRIZE**
O PARLAMENTO EUROPEU
PROMOVE A CULTURA

ye10
ars



Parlamento Europeu

À PEINE J'OUVRE LES YEUX

De Olhos Bem Abertos

UM FILME DE LEYLA BOUZID

Tunes, verão de 2010, alguns meses antes da revolução. Farah, de 18 anos, conclui o ensino secundário e a sua família já sonha vê-la tornar-se médica. Porém, os planos da jovem são outros.

Farah é cantora numa banda de rock de intervenção. É uma jovem cheia de vida, que bebe e descobre o amor e a vida noturna da cidade contra a vontade da mãe, Hayet, que conhece a Tunísia e os seus tabus.

No entanto, a situação complica-se quando a banda decide atuar nos cafés da capital, onde a jovem deixa extravasar a sua sede de liberdade e vontade de viver, sem suspeitar do perigo. Sabendo do comportamento licencioso de Farah em locais reservados a homens, Hayet tenta, debalde, fazê-la ver a razão. Meio rebelde, meio inconsciente do perigo que corre na Tunísia autoritária da época, a obstinada Farah insiste em transmitir alto e bom som a mensagem subversiva de Borhène, o namorado e líder da banda, expressando, através dela a esperança da juventude.

CONTEXTO

Não é por acaso que Leyla Bouzid situa a ação do filme apenas alguns meses antes da revolução tunisina que viria a marcar o início da Primavera Árabe, um grande movimento de sublevação que se alastrou a vários países, traduzindo-se, nomeadamente, na rejeição dos regimes autoritários da época, das profundas desigualdades sociais, da grave crise económica e dos níveis extremamente elevados de desemprego dos jovens. Na Tunísia, o sentimento de opressão e de injustiça partilhado pelos jovens é determinante, na medida em que 42% da população tem idade inferior a 25 anos, um nível de instrução relativamente elevado e um claro apego aos valores laicos. Ao passo que, em vários países árabes que também tiveram uma revolução, os islamitas acabaram por se instalar de forma permanente no poder, com as consequências que todos sabemos, a Tunísia logrou uma verdadeira transição democrática. Não obstante as primeiras vitórias eleitorais, os islamitas foram finalmente afastados do poder e, em janeiro de 2014, o país adotou uma nova Constituição.

Cinco anos mais tarde, Leyla Bouzid revisita o início da revolução tunisina, cristalizando nas personagens principais os desafios e os fatores que deram origem à revolução: jovens cidadãos oriundos de um meio mais abastado, instruídos e imbuídos de um desejo ardente de liberdade (Farah e os amigos), um clima opressivo e de vigilância característico dos Estados policiais (detenção de Borhène e, posteriormente, de Farah), a corrupção dos funcionários públicos (quando Farah desaparece, Hayet suborna o agente da polícia para que inicie imediatamente as buscas), o peso da sociedade tradicional e dos respetivos valores falocratas (os olhares lançados pelos homens a Hayet quando esta vai à procura de Borhène no café, na noite do desaparecimento da filha).

No contexto dos atentados terroristas que se seguiram à Primavera Árabe, acontecimento que serve de enquadramento à ação do filme, *À peine j'ouvre les yeux* (*De Olhos Bem Abertos*), convida, sem abordar diretamente o assunto, a uma reflexão sobre os efeitos inesperados de uma revolução que acabou por abrir caminho, na sociedade tunisina de 2010, a um islamismo conservador que havia há muito sido rejeitado. Se, por um lado, o filme de Leyla Bouzid carrega a esperança de uma geração, por outro, evoca também de forma indireta e omissa, embora poderosa, as ilusões desfeitas e os receios atuais. Neste sentido, o filme, que pode ser interpretado como um convite discreto à tomada de consciência política e a uma certa forma de mobilização intelectual, não deve deixar de suscitar a reflexão sobre questões cruciais como a importância de defender as liberdades e os valores fundadores das sociedades democráticas.





FARAH E HAYET: A RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHA COMO TEMA CENTRAL DO FILME

Para além de descrever de forma muito emotiva a relação entre mãe e filha, o filme de Leyla Bouzid permite compreender, através do modo como são retratadas ambas as mulheres, até que ponto as frustrações passam de geração em geração e, principalmente, o quão difícil é reivindicar quaisquer mudanças quando se vive num Estado policial. Tal como Farah, também Hayet resistira, no passado, ao regime, mas, ao contrário da filha, sabe que as tentativas de desestabilização da ordem pública se pagam bem caras num país como a Tunísia de Ben Ali. O seu percurso, que a levou, com o tempo, a tornar-se numa mulher moderna, mas não menos resignada, é o exemplo perfeito do impasse a que conduzem os atos de subversão num contexto repressivo. Quanto a Farah, que encarna o ímpeto essencial da juventude em busca de liberdade, podemos desde já antecipar, através da experiência da mãe, o destino traçado que a espera.

Do ponto de vista cinematográfico, todas as tensões existentes entre as duas mulheres, devido ao ambiente opressivo que o regime impõe à sociedade, são particularmente acentuadas em momentos de grande carga emocional. Este modo de evidenciar os momentos de grande intensidade dramática permite, de facto, pôr em destaque os conflitos emocionais de uma mãe dividida entre o amor pela filha, a preocupação em protegê-la e a fidelidade aos seus próprios ideais de juventude.

ENTREVISTA COM LEYLA BOUZID (EXCERTOS DO DOSSIÊ DE IMPRENSA)

Embora, o filme se centre no medo que as pessoas sentem em relação ao sistema policial, não podemos esquecer que pesa sobre a Tunísia uma ameaça terrorista. No entanto, a religião não está, de todo, presente no filme.

Acompanhamos a história de jovens cheios de vida e politicamente ativos que querem dedicar-se à sua música, atuar em concertos e viver a sua arte. A religião não é uma parte central das suas vidas. Era precisamente esta juventude cheia de energia e criatividade que eu queria filmar. Trata-se de

uma geração que luta diariamente pela própria vida, mas da qual raramente falamos. As únicas pessoas que têm o direito de se exprimir nos meios de comunicação são aquelas que recorrem ao extremismo e à violência. Considero que importa referir que existem também outros jovens com vontade de viver, dar-lhes voz através de Farah e mostrar que ela é dominada pelo medo instigado pelo sistema. Há outras formas, para além do terrorismo, de causar medo às pessoas. Farah quer existir enquanto indivíduo e fazer ouvir a sua voz.

Ficamos a conhecer o «povo tunisino», o «nós» e a «nação». Mas que lugar ocupa o «eu»? Qual o preço a pagar para existirmos como pessoas livres na Tunísia? A Leyla teve de pagar esse preço?

O filme coloca a seguinte interrogação: como podemos nós libertar-nos da família, da sociedade e do sistema na Tunísia? Conseguirmos libertar-nos de tudo isso requer energia, causa resistência e gera violência. Acompanhamos Farah, uma jovem com sede de viver que vive uma existência plena, contra tudo e todos, e que, por isso, é punida e oprimida.

Penso que na Tunísia todos temos um preço a pagar, mesmo que não sejamos artistas. Aliás, podemos ter de o pagar em qualquer momento das nossas vidas, seja a nível pessoal, familiar, social, ou escolar. Na sociedade tunisina, ou fazemos determinadas concessões, ou vemo-nos confrontados com inúmeros obstáculos.

A história do filme não é autobiográfica, muito embora retrate situações que eu própria vivi, como a descoberta de que um amigo próximo, que frequentava o mesmo clube de cinema que eu, era

informador da polícia. Era alguém que estava ali para nos vigiar, para se infiltrar. Essa descoberta foi um grande choque. Nesse momento, apercebi-me do quão cercados estávamos e de que não podíamos confiar em nada nem ninguém.

Filmou através da sua perspectiva de mulher os meios marginais de Tunes, nomeadamente a vida noturna, os bares, os comboios e os locais maioritariamente frequentados por homens. Ulteriormente, fez também uma incursão no interior do país, designadamente a bacia mineira, onde a poeira que paira no ar contrasta com o movimento próprio do meio cosmopolita.

Existe uma fronteira que separa estes locais e eu sinto a necessidade de a derrubar e que é, de facto, possível fazê-lo.

Concretamente, a cena mais delicada das filmagens foi aquela em que Hayet entra no bar. Os figurantes eram clientes reais de um bar mal-afamado. Sempre que repetíamos a filmagem dessa cena, a atriz tinha de entrar novamente no bar e, de cada vez, era um desafio. Embora fossem figurantes, os homens olhavam intensamente para ela, de forma quase obscena, sem que tivéssemos sequer de lhes pedir que o fizessem. Aliás, todas as mulheres da equipa sentiam a pressão do olhar deles.

Quería filmar os espaços tunisinos, com a atmosfera autêntica que lhes é característica e as pessoas reais que neles trabalham ou circulam, de forma fiel à realidade. O comboio suburbano, os bares e a estação rodoviária são filmados ao estilo de um documentário.

Quería integrar a ficção do filme nos locais com mais vida e movimento da cidade. Até nas minas poeirentas de fosfato, centro da resistência ao regime de Ben Ali, os mineiros representaram o seu próprio papel.

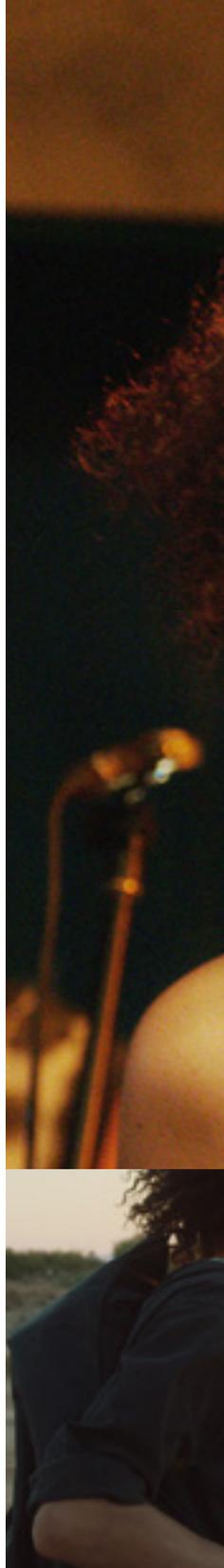
Esta cena cria uma rutura no filme, que permite ao espetador distanciar-se da história. É uma espécie de *zoom out* que serve para traçar um mapa do país. É uma cena que nos faz recordar que as letras das canções vêm de longe e que o sentimento de opressão é profundo e comum a várias classes sociais. Este filme é uma homenagem aos mineiros, ainda hoje em conflito com o Governo, que nos relembra que foi inicialmente a resistência destes homens que abriu caminho à sublevação do país. A resistência teve início em 2008, muito antes do ato que celebrou Bouazizi.

No filme, a música é uma forma de resistência, cujo autor é o artista iraquiano Khyam Allami.

A música e a dança sempre estiveram presentes na cultura popular tunisina como uma forma de escape. A «Mezoued», música tradicional, as danças e as festas de casamento são espetáculos verdadeiramente intensos que proporcionam às pessoas um momento de descontração. Atualmente, assistimos à emergência do rap tunisino nos bairros pobres. O rap constitui um verdadeiro refúgio para alguns e uma forma de resistência poderosa que chega a um grande número de pessoas. O Governo vê claramente estes rappers contestatários como uma ameaça e tem vindo a silenciá-los, utilizando as letras das suas canções como pretexto para detê-los.

A música constituiu o grande desafio do filme, pois, não só era necessário encontrar uma atriz que soubesse cantar, mas também formar uma banda, compor a música e escrever as letras das canções. Por vezes, pensei que seria impossível. Reuni-me com vários artistas, mas não partilhávamos da mesma visão.

Até que um dia, por acaso, quando assistia a um concerto em Paris, descobri uma banda, Alif Ensemble, cuja música me conquistou. Khyam era um dos cinco músicos, todos eles provenientes de diferentes países árabes. Foi ele quem compôs as canções para Baya e que as ensaiou com ela durante semanas a fio antes do início das filmagens. A música uniu-os e, a nós, conquistou-nos.





TEMA DE REFLEXÃO

O que podemos nós, então, dizer do lugar e da função que a arte ocupa na sociedade?

10 ANOS DE CINEMA EUROPEU PARA OS EUROPEUS

O Parlamento Europeu tem a honra de apresentar os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE⁽¹⁾ 2016:

À PEINE J'OUVRE LES YEUX (*De Olhos Bem Abertos*), um filme de Leyla Bouzid
França, Tunísia, Bélgica, Emirados Árabes Unidos

MA VIE DE COURGETTE (*A Minha Vida de Courgette*),

um filme de Claude Barras
Suíça, França

TONI ERDMANN, um filme de Maren Ade

Alemanha, Áustria, Roménia

Estas histórias multifacetadas, resultantes da grande dedicação e criatividade de jovens realizadoras e realizadores talentosos, serão exibidas durante a quinta edição dos LUX FILM DAYS⁽²⁾.

⁽¹⁾ Prémio do cinema LUX

⁽²⁾ Dias do cinema LUX

LUX FILM PRIZE

A cultura desempenha um papel fundamental na construção das nossas sociedades.

Por esse motivo, o Parlamento Europeu lançou o LUX FILM PRIZE em 2007, com o objetivo de aumentar a distribuição de filmes europeus em toda a Europa e de desencadear um debate à escala europeia sobre questões sociais importantes.

O LUX FILM PRIZE é uma iniciativa única. Enquanto a maioria das coproduções europeias é exibida apenas no seu país de origem e raramente distribuída noutros países, mesmo dentro da UE, o LUX FILM PRIZE proporciona a três filmes europeus a rara oportunidade de serem legendados nas 24 línguas oficiais da União Europeia.

O vencedor do LUX FILM PRIZE será eleito pelos deputados ao Parlamento Europeu e anunciado em 23 de novembro de 2016.

LUX FILM DAYS

O LUX FILM PRIZE deu igualmente origem aos LUX FILM DAYS. Desde 2012, os três filmes concorrentes ao LUX FILM PRIZE são apresentados a um público europeu mais vasto durante os LUX FILM DAYS.

Os LUX FILM DAYS são um convite a viver uma experiência cultural inesquecível, que ultrapassa fronteiras. De outubro a dezembro de 2016, pode juntar-se aos cinéfilos de toda a Europa para assistir às projeções de *À peine j'ouvre les yeux* (*De Olhos Bem Abertos*), *Ma vie de Courgette* (*A Minha Vida de Courgette*) e *Toni Erdmann* numa das 24 línguas oficiais da União Europeia. Não se esqueça de votar no seu filme preferido no nosso sítio [web luxprize.eu](http://web.luxprize.eu) ou na nossa página no Facebook!

MENÇÃO HONROSA DO PÚBLICO

A Menção Honrosa do Público é o prémio atribuído pelos espetadores no âmbito do LUX FILM PRIZE. Não deixe de votar em *À peine j'ouvre les yeux* (*De Olhos Bem Abertos*), *Ma vie de Courgette* (*A Minha Vida de Courgette*) e *Toni Erdmann*! Terá possivelmente a oportunidade de ser selecionado para assistir ao Festival de Cinema Internacional de Karlovy Vary, em julho de 2017, a convite do Parlamento Europeu, e anunciar o vencedor da Menção Honrosa do Público.

VEJA,
DEBATA
E VOTE



@luxprize



#luxprize

LUX
PRIZE
.EU

REALIZADORA: Leyla Bouzid

ARGUMENTO: Leyla Bouzid,
Marie-Sophie Chambon

ELENCO: Baya Medhaffer, Ghalia Benali,
Montassar Ayari, Lassaad Jamoussi,
Aymen Omrani

DIRETOR DE FOTOGRAFIA:
Sébastien Goepfert

MÚSICA: Khyam Allami

PRODUTORES: Sandra da Fonseca,
Imed Marzouk

PRODUÇÃO: Blue Monday Productions,
Propaganda Production

COPRODUÇÃO: Hélicotronic

ANO: 2015

DURAÇÃO: 102'

GÊNERO: Ficção

PAÍS: França, Tunísia, Bélgica, Emirados
Árabes Unidos

VERSÃO ORIGINAL: Árabe



